



*Ismar  
Becker*

beckerismar@gmail.com

## Reformamos ou afundamos o Brasil

**A** direita e a esquerda podem divergir no tamanho do Estado, na carga tributária, no papel das estatais. Mas a aritmética não tem coloração ideológica.

O Brasil está caminhando para uma paralisação fiscal. As receitas dos impostos serão suficientes só para as despesas obrigatórias. Até 2026 não sobrará um centavo para investimentos federais. Quer saber por quê?

### SITUAÇÃO FISCAL

A frase de abertura é do Ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Ele disse que temos de usar a aritmética para equilibrar receita com despesa, para evitar que entremos no seguinte ciclo vicioso:

Aumento das despesas obrigatórias (saúde, educação, salários, INSS) + efeitos da indexação aumentos reais do Salário-Mínimo nas aposentadorias + indexação repasses diversos. = Estouro Contas Públicas + Fim Arcabouço Fiscal (que mal começou) + aumento juros futuros (11,8% semana passada) = menos investimentos = menor crescimento = revolta social, em algum momento.

**Sem reformas o Brasil afunda!**

ideias que vão absorver o pouco que resta são:

- Salário-Mínimo: Aumento real (inflação + crescimento PIB) do Salário-Mínimo, com correção das aposentadorias no mesmo percentual. Para cada 1 Real a mais no SM, o custo desta indexação é de 350 Milhões de Reais. Prevendo um aumento de 5% em 2025, mais 5% em 2060, a conta fica em quase 60 Bilhões. Afunda o país, além de não resolver o problema do pobre. - Fundeb: Fundo para Educação básica: 51 Bilhões de Reais. - Indexação das verbas da Saúde e Educação ao aumento da receita líquida, 94 Bilhões.

Sem estes penduricalhos, teríamos um superávit fiscal de 105 Bilhões (0,9% do PIB). Com a gastança, teremos um buraco de 132 Bilhões.

### INJUSTIÇA SOCIAL

Vincular as aposentadorias ao Salário-Mínimo beneficia os mais ricos. De cada 100 Reais de aumento, só míseros 3 Reais chegam aos mais pobres, já que o aumento vale para todos. Um aumento de 10 Reais para quem ganha 3 ou 4.000 mil, não muda nada, mas faz a diferença para quem ganha o Salário Mínimo.

### DÉFICIT E JUROS

"Eu as vezes fico um pouco irritado com esse negócio de déficit primário: vai ser zero, não vai ser zero. Veja, isso é uma discussão que nenhum país do mundo faz". "A dívida dos EUA é de 112% do PIB. Do Japão é 235%, da Itália é quase 200%" Estas pérolas são do presidente Dilma Rousseff da Silva.

Na sua ignorância de aritmética, ele esquece que os países que citou, tem juro zero, ou até negativo. O Brasil para um juro real de uns 5%, exatamente porque não tem um governo responsável. Valor desta conta: 720 Bilhões ao ano.

Não vamos quebrar até 2026, mas aumentaremos o tamanho do buraco do déficit fiscal, e da dívida interna. O próximo governo vai assumir tendo que apagar o incêndio da casa, provocado pelo inquilino anterior.

Ismar Becker é empresário e escreve quinzenalmente às quintas-feiras.



*Alexandre  
Garcia*

editoria@gazetasbs.com.br

## Lições das águas

**A** tragédia do Rio Grande do Sul submerso em águas fez emergir no tempo um livro lançado em 2009: A Enchente de 41, da editora Libretos, com pesquisa e texto de Rafael Guimaraens. Ganhou importância e atualidade porque, sem as emoções de hoje, o documentário permite que o leitor perceba os motivos da catástrofe de agora. Afinal, é para isso que serve a História, para que aprendamos com o passado a evitar a repetição de tragédias. Tudo muito parecido, com a diferença de que na primeira quinzena de maio de 1941, choveu 619,4mm em Porto Alegre; agora, em 27 dias de maio, choveu 513,6 mm.

Por que, então, as águas do Guaíba estiveram mais altas agora? Em 1941, 4,75m acima do nível; agora 5,25m - meio metro acima, se o padrão de medição for igual. A resposta está em todo lugar em que as águas já recuaram: meio metro de lama. Muito mais de meio metro de lama, areia, detritos, sujeira, lixo, foram depositados nos rios desde 1941. O calado do Guaíba era de seis metros até recentemente, mas hoje é de quatro. Aqui em Brasília, antes da estação das chuvas, sempre limpo as calhas de minha casa, para tirar as folhas. Se não limpar, elas vão transbordar. Assim as calhas dos rios que não foram limpas jogaram água para fora. Ambientalistas conseguiram impedir as dragagens. As águas, em vez de escoarem pelos leitos dos rios, extravasaram e destruíram vidas e bens.

Semelhanças nos incêndios: em 1941, foi consumida pelo fogo a Fábrica Secco & Cia, na Júlio de Castilhos; domingo foi o prédio da Auto-glass, no bairro Humaitá. O número de mortos por leptospirose foi cinco, numa Porto Alegre que tinha 272 mil habitantes; hoje, até agora, quatro já morreram pela doença. O governo fe-

deral ficou meio distante, embora a mídia procurasse mostrar que não. Getúlio Vargas enviou um telegrama ao interventor Cordeiro de Farias dizendo "o governo federal está pronto a colaborar", mas concluía sem decisões: "Desejo que o prezado amigo continue a informar-me minuciosamente sobre as ocorrências. Cordiais saudações, Getúlio Vargas". O Diário de Notícias traduziu isso com uma manchete ufanista: "Auxílio Total ao Rio Grande".

No capítulo final, o livro relata as medidas de proteção a Porto Alegre. Diques de 68 quilômetros e um espesso muro de concreto com 2.647m de extensão, três metros de altura e três metros no subsolo, tudo construído pelo DNOS (Departamento Nacional de Obras de Saneamento), entre 1971 e 1974, no governo Médici. O livro, que é de 2009, mostra que a esquerda quis derrubar o muro, porque era do tempo dos militares; os ambientalistas alegavam que o muro separa Porto Alegre do Guaíba. Com essa pressão, a Câmara de Vereadores aprovou em 1997 lei para derrubar o muro, "ante o clamor do movimento ecológico". Não foi derrubado, à espera de uma alternativa de proteção contra as águas periódicas. Em agosto de 1983, foi pela primeira vez testado. As águas subiam e tratou-se de fechar os oito portões/comportas de acesso ao cais. Tudo emperado. Fecharam com tratores e guindastes puxando os portões. Mas nada mudou, nem com o aviso da catástrofe de setembro último. Hoje o desastre grita de novo nos ouvidos dos governantes - inclusive dos ex-prefeitos fingidos de Pilatos, que assinaram uma nota crítica ao atual - e a gente percebe que não é estadista quem não aprende as lições da História. A lição de 1941 já tem 83 anos.

Alexandre Garcia é jornalista e apresentador. Escreve às quintas-feiras sobre economia e política.

**AC** **A Gazeta**

**(47) 3203-0022**

[www.gazetasbs.com.br](http://www.gazetasbs.com.br)

editoria@gazetasbs.com.br  
comercial@gazetasbs.com.br

AUDITADO PELO  
**ADJORISC**  
[www.adjorisc.com.br](http://www.adjorisc.com.br)

Rua Marechal Floriano 22,  
89.280-343 São Bento do Sul, SC  
Direção - Cezar Celeski, DRT 3850/SC  
Editores - Marcello Miranda  
e Matheus Müller

Tiragem desta edição: 6.400 exemplares

Circulação: Planalto Norte Catarinense,  
Piê e Rio Negro, PR

**Editora Gazeta do Norte Ltda.**  
CNPJ 00.506.497/0001-14  
Insc. Mun. 8832  
Insc. Est. 25.725.180-4

**Rio Negrinho** - Rua Pedro Simões de Oliveira,  
118 - Centro - (47) 3644-5082

**Florianópolis**  
Rua Patrício Farias, 131 - Térreo - Sala 2.2 -  
Itacorubi (48) 3031-0437 (48) 3222-0100  
opec@sucuralscgm.com.br

Impressão  
Gráfica A Gazeta

Assinaturas: (47) **3203-0026**

[assinaturas@gazetasbs.com.br](mailto:assinaturas@gazetasbs.com.br)

Desconto mensal Celesc/Samae	R\$ 40,00
Online semestral	R\$ 95,00
Online anual	R\$ 187,00
Trimestral	R\$ 143,00
Semestral	R\$ 259,00
Anual	R\$ 460,00
Anual, para Florianópolis	R\$ 660,00